

# MANIFESTO

por uma cidade lúdica e coletiva  
por uma arte pública, crítica e poética

Poró



# MANIFESTO

por uma cidade lúdica e coletiva  
por uma arte pública, crítica e poética





Sim! Estamos correndo o risco de parecer ingênuos ou incoerentes. Como artistas, fazemos arte e não necessariamente sentido.

Trabalhamos juntos desde 2002 e a cidade tem sido sempre o grande tema dos nossos trabalhos. É na cidade que encontramos e de onde extraímos matéria poética para a construção de obras que visam entre outras coisas ressignificar os espaços urbanos com proposições poéticas e/ou de cunho político.

Neste texto, em forma de manifesto, desejamos apresentar um pouco de nossas inquietações em relação aos processos urbanos contemporâneos e propor um modo de fazer arte que seja mais aberto e relacional.

# Uma cidade para todos

A cidade não é o lugar do consenso. É o lugar do encontro com a diferença, onde as várias opiniões, jeitos de ser e opções convivem e criam um ambiente fértil e criativo. Um ambiente de encontro com situações e modos de viver inusitados que divergem do nosso próprio modo de viver. É neste contato com a diferença que podemos crescer, respeitar e experienciar processos que nos deslocam e que nos tornam também sujeitos dos acontecimentos.

# O simbólico na cidade

Os espaços educam. Espaços criativos geram pessoas criativas. Nossa paisagem faz parte do que nós somos. A cidade construída a partir de uma lógica funcionalista mecaniza a vida sem deixar espaço para a construção criativa de um imaginário livre. Por monumentos e espaços que sejam instigantes e não que representem uma cultura da militarização e do poder. Por espaços que não oprimam, mas que libertem e estimulem a experiência e a experimentação.

# **Viva a borda!**

## **Desloque o centro**

Uma cidade inclusiva deve proporcionar a todos modos de locomoção fáceis e ágeis, para que assim as distâncias não sejam um impedimento para a circulação das pessoas. As cidades devem incluir as periferias. Todos têm direito à experiência da cidade. Deslocar espaços e acontecimentos. Garantir o direito à circulação de todas as pessoas que vivem na cidade.



# **Em defesa do ócio.**

## **Por uma cidade lenta**

O mundo de hoje parece se sustentar na ideia de que a velocidade é uma necessidade e a pressa uma qualidade. Vivemos em uma sociedade que exalta a instantaneidade em todos os processos, desde a transmissão de informações, mas também na obtenção de resultados em vários meios e sentidos.

As cidades reproduzem muitas vezes esse ideário dominante da velocidade e isso aparece no espaço público de forma a limitar a experiência do tempo. As cidades em geral não possuem espaço para o ócio, a contemplação, a perda de tempo. Os espaços urbanos são quase sempre lugares de pressa, onde o tempo “precisa” estar otimizado.

O tempo é o nosso bem mais precioso, não seremos livres enquanto não controlarmos o nosso próprio tempo. Parece que vivemos em um futuro constante, sem passado e sem presente. A pressa gera uma verdadeira epidemia de ansiedade.

# Cidadãos ou consumidores?

Vivemos em um momento onde podemos perceber a tentativa de mercantilizar todas as instâncias da vida. A mídia e a cultura capitalista formam consumidores no lugar de cidadãos. Incentiva-se o consumo de coisas supérfluas de tal forma que essas coisas passam a parecer imprescindíveis. Construiu-se a ideia de que só é possível ser feliz na medida em que você consome certos produtos. Esses desejos produzidos pela publicidade são valores que não correspondem aos reais desejos das pessoas.

# Contra os shoppings

O shopping hoje é como um templo do consumo, com atmosfera controlada, onde aparentemente não existe pobreza ou tristeza. As vitrines das lojas se tornam lugares de adoração. Pais que levam seus filhos aos shoppings no lugar de levá-los aos parques estão produzindo futuros consumistas, pois desde cedo as crianças já desenvolvem a ideia de que comprar é uma diversão.

Contra a cultura do consumo e as praças de alimentação. Os shoppings fortalecem a cultura do medo, afastam as pessoas da esfera pública. Esvaziam as ruas e reduzem os momentos de sociabilidade a momentos de consumismo. Ar condicionado, ambientes condicionados, pessoas condicionadas? A experiência do tempo desconectada do ambiente natural. Agora é de dia ou de noite? Você está em Belo Horizonte, São Paulo, Miami ou Bombaim?

# Contra a publicidade

O imaginário coletivo está colonizado pela publicidade. Os espaços públicos e os meios de comunicação são cada vez mais ocupados pela publicidade. A propaganda não pode ter hegemonia de discurso sobre tudo. Só quem tem dinheiro para comprar espaços publicitários e editoriais é que pode ter voz? Não acreditamos nisso. A arte pode criar um contraponto às imagens estereotipadas da publicidade – que geram valores e uma estética baseada no consumo. Múltiplas vozes, múltiplas formas de dizer. Para pensamentos múltiplos. Para uma cidade múltipla e voltada para o coletivo.

# **Por uma arte não corporativa**

A domesticação da arte é também uma domesticação da vida. Hoje os setores de marketing das empresas são os responsáveis por decidir sobre o financiamento de grande parte dos projetos artísticos e culturais. Não podemos deixar que a mentalidade corporativa defina os rumos e a identidade estética de um país.

# Contra a cooptação da criatividade

A noção de “cidade criativa” tem sido usada para maquiar grandes empreendimentos imobiliários e justificar transformações que visam atender apenas a interesses econômicos de investidores e empreiteiras em detrimento das populações que vivem nas cidades. De outro lado, manifestações espontâneas e criativas sofrem repressão policial ou perseguição política. Cidades realmente criativas devem ser povoadas de invenção e comportamento crítico para perceber essa realidade e transformá-la com engajamento e alegria. Cada um e todos juntos somos responsáveis pelos rumos da cidade. Não queremos uma cidade para grandes eventos. Queremos uma cidade para todo mundo viver bem.

# Por uma arte de conexão

A arte completa a necessidade criativa que existe em todas as pessoas. Acreditamos que a arte é uma forma de comunicação potente que pode servir para reconectar as pessoas aos seus processos cognitivos mais profundos e sensíveis. Além de criar conexões entre as pessoas e entre as pessoas e seu espaço. A arte pode ser um meio de gerar pensamento crítico e criativo. A arte é potente e pode ser simples. Existe muita beleza na simplicidade. O excesso de teorização impede a aproximação das pessoas em relação à arte. A arte não precisa de textos incompreensíveis. Não deve ser restrita a poucos iniciados. A arte é construção criativa e poética e deve fazer parte da vida de todos.

# Por uma educação do olhar

Educar o olhar e os sentidos, para aprender a ler imagens e vivenciar os espaços criticamente. Ver e pensar sobre o que acontece ao nosso redor. Atravessar as aparências. Precisamos aprender a ver, imaginar. Ocupar de modo poético e inventivo o imaginário urbano. Construir outras possibilidades por meio da imaginação. Criar novas maneiras de pensar as cidades e agir em seus espaços. Trazer o campo simbólico e imaginário para o real. Precisamos criar lugares para o sonho.



# Por uma profundidade cotidiana

A cidade pode nos ensinar por meio da experiência coletiva. Por uma construção social dos espaços. Nosso cotidiano precisa ser vivenciado de forma livre e poética. Para nos conectarmos ao presente e experienciar o aqui e o agora. Através do que sentimos, nos transformamos. Por uma arte que se instala nos momentos ordinários.

# Verde que não te quero cinza

A natureza faz parte de nossa constituição. Se percebemos que as cidades atuais estão nos adoecendo, temos o direito de mudá-las. Antes que árvores centenárias sejam cortadas. Antes que áreas de preservação e nascentes virem condomínios ou mineração. Antes que este lugar fique ainda mais seco e quente.

Precisamos de ar puro para respirar. Precisamos de silêncio e lugares sem velocidade, onde podemos aproveitar o simples fato de existir. Queremos parques e jardins por toda parte. Menos carros, mais árvores. “Mais amor, menos motor!” A cidade deve proporcionar prazer.

## Por uma cidade-festa

Feiras de rua, jardins comunitários, hortas urbanas, ruas arborizadas, piqueniques, conversas na calçada, intervenções poéticas, ruas para dançar. Sem atropelos, pessoas e bicicletas circulando pelos bairros. Por uma relação próxima entre as pessoas e a cidade. Pela redescoberta das praças, parques e praias. Pelo uso do espaço público como lugar de troca, festa, manifestação e encontro.

Todos devem participar da construção da cidade. Por uma cidade lúdica e coletiva!

**ORGANIZAÇÃO, TEXTO E PROJETO GRÁFICO:**

Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada!

[www.poro.redezero.org](http://www.poro.redezero.org)

[poro@redezero.org](mailto:poro@redezero.org)

*Manifesto* foi escrito pelo Poro em 2013. Editado como publicação digital no presente formato durante o verão de 2014.



Atribuição-Uso não-comercial 3.0 Brasil

[www.creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/](http://www.creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/br/)

Este livro pode ser utilizado, copiado, distribuído, exibido ou reproduzido em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, incluindo fotocópia, desde que não tenha objetivo comercial e sejam citados os autores e a fonte.



Poro é uma dupla de artistas formada por Brígida Campbell e Marcelo Terça-Nada! Atua desde 2002 realizando intervenções urbanas e ações efêmeras que procuram levantar questões sobre os problemas das cidades através de uma ocupação poética e crítica dos espaços.

[www.poro.redezero.org](http://www.poro.redezero.org)